



## A SAGA DOS RINOCERONTES

Como de conhecimento geral, os rinocerontes são animais paquidermes (de pele espessa), que se integram na Ordem *Perissodactyla* (com um número ímpar de dedos) e na família *Rhinocerotidae*, caracterizando-se pelas suas formas atarracadas e por possuírem uma cabeça robusta e alongada, em cujo chanfro estão inseridos, consoante os géneros a que pertencem, um ou dois cornos maciços, de superfície lisa, ligeiramente encurvados no sentido retrógrado.

Abstraindo-nos dos ensinamentos que a Paleontologia nos revela, os rinocerontes actualmente existentes encontram-se distribuídos por duas regiões zoogeográficas, nas quais e a seguir, a sua representatividade por géneros, espécies e subespécies:

### NA REGIÃO AFROTROPICAL:

- a) *Diceros bicornis bicornis* Linnaeus, 1758 – Considerada extinta, tendo vivido no Sul de África.
- b) *Diceros bicornis chobensis* Zukowsky, 1964 – Presente no Sudeste de Angola.
- c) *Diceros bicornis minor* (Drummond, 1876) – Vivendo no Norte da Namíbia, em Botswana, Zimbabwe, Moçambique, Zâmbia, Malawi e Tanzânia.
- d) *Diceros bicornis michaeli* Zukowsky, 1964 – Ocupando o Norte da Tanzânia, Uganda e Quênia.
- e) *Diceros bicornis brevis* (Lesoult, 1843) – Existente na Somália e zona central do Sudão.
- f) *Diceros bicornis ludoensis* Groves, 1967 – Presente no Norte do Quênia, Sul do Sudão e Norte do Zaire.
- g) *Diceros bicornis longipes* Zukowsky, 1949 – Ocupando o Chade, República Centro-Africana e Norte dos Camarões.



Todas estas entidades são conhecidas globalmente pela designação de "rinocerontes pretos", que consideramos errada, dado que a sua cor é acinzentada, pelo que optamos para elas a expressão de "rinocerontes de Lineu".

h) *Ceratotherium simon simon* (Burchell, 1917) — Existente ao Sul do Zambéze, desde Moçambique a Angola.

i) *Ceratotherium simon cottoni* (Lydekker, 1908) — Conhecida apenas no Uganda, Nordeste do Zaire, Sul do Sudão e República Centro-Africana.

Ambas estas subespécies são conhecidas pela designação de "rinocerontes brancos", que igualmente entendemos errada, na medida em que elas são igualmente de cor cinzenta, tal como os designados "rinocerontes pretos", pelo que advogamos para elas o epíteto de "rinocerontes de Burchell".

#### NA REGIÃO ORIENTAL

a) *Rhinoceros unicornis* (Linnaeus, 1758) — Presente na Índia, Assam e Nepal.

b) *Rhinoceros sondaicus* (Desmarest, 1822) — Conhecido em algumas ilhas do arquipélago de Sonda, sobretudo em Java, bem como possivelmente na Birmânia, Tailândia e Indochina.

Estas entidades são as únicas que se encontram apenas dotadas de um único corno, donde a designação de "rinocerontes unicórneos", sendo a primeira (dito "rinoceronte indiano") a de maior porte e a segunda (designada por "rinoceronte de Java") a de menor tamanho.

c) *Dicerorhinus sumatrensis sumatrensis* (G. Fischer, 1814) — Vivendo em Sumatra e Borneu.

d) *Dicerorhinus sumatrensis lasiotis* (Breckland, 1872) — Vivendo na Malásia, Birmânia, Tailândia, e Indochina.

Estas duas espécies, comumente designadas por "rinocerontes de Sumatra", constituem os rinocerontes de menor estatura.

Quando o Homem fez a sua aparição na Terra, durante o Pleistoceno, ele viu-se rodeado de inúmeros seres vivos de origem animal, cuja convivência não teve, por certo, dúvidas em aceitar, integrante como era ele das variadas biocenoses que caracterizavam as mais dispersas e distintas zonas deste planeta.

Muito embora ele viesse a breve trecho a reconhecer que parte dos animais com que convivía poderiam ser-lhe úteis, quer como fontes alimentares, quer como prestadores de serviços, sem que daí adviessem inconvenientes para os diferentes componentes faunísticos de cujo disfrute beneficiava, a verdade é que com o rodar dos tempos e com o acréscimo dos diferentes agregados — particularmente consequentes à sua sedentarização, ultrapassada que fora a sua primitiva forma

de existência, ambulatória e de simples colectores — foi-se gradualmente verificando a modificação do seu comportamento em relação a parte daqueles seres que até então ou lhe eram úteis, indiferentes ou mesmo desconhecidos.

Se a atitude do Homem perante o mundo animal circundante se alterou pouco a pouco como consequência natural da bem conhecida reacção de massas, tal atitude assumiu um carácter bem mais exacerbado e latitudinário depois que a Europa (e aqui, importa, na verdade, realçar a quota parte de responsabilidades por parte de Portugal) começou desvendando mundos até então dela praticamente desconhecidos.

Foi, com efeito, a partir da Idade Média e na sequência das descobertas marítimas, que três grandes continentes — África, Ásia e Américas (neste caso particularmente a América do Norte) — registaram a chegada até eles de povos europeus, os quais, na sua ansia de dispersão e de ocupação, dera início ao maior descalabro que tem sido registado em termos de extermínio de parte das comunidades animais ali existentes.

Efectivamente, como referiu SCHOENICHERN, "o curso do desenvolvimento da civilização humana é ao mesmo tempo a história da destruição e devastação da Natureza, facto que levou OSBORN a proclamar que a Natureza constituía uma máquina activa, perfeitamente ajustada e coordenada com vista a um determinado fim, cada uma das suas partes dependendo de todas as outras e todas estando relacionadas com o movimento do conjunto. Assim, florestas, pastagens, solos, águas, vida animal, se quiza um só desses elementos vitais viesse a faltar-lhe, a Terra morreria, tornando-se um astro morto, tal como o é já a Lua.

Manda a verdade que se diga que bem raras vezes o Homem tem vivido com a Natureza, antes contra ela, assumindo frequentemente uma incompreensível e intolerável situação de divórcio litigioso em relação a ela, face à forma como impensada ou irracionalmente tem explorado e esgotado os solos, destruindo as florestas e maltratando a vida animal, levando assim a um empobrecimento de recursos que acabará por inexoravelmente se reflectir no futuro da própria Humanidade, dessa forma ameaçada por tais ultrages infringidos à verdadeira "mãe de todas as coisas", conforme PINHO apelidou a Natureza.

Restringindo-nos apenas à fauna e reproduzindo o que por nós foi proferido em 1972, por ocasião da reunião, a nível nacional, para o estudo dos problemas da fauna selvagem e protecção da Natureza no Ultramar Português, reunimo essa que teve lugar em Sa da Bandeira (hoje Bailundo), dissemos então: "Calcula-se que desde o início do período histórico o Homem provocou, voluntariamente ou não, a desaparecimento de mais de 120 espécies de mamíferos e de mais de 150 espécies de aves. Mesmo na nossa época, numerosas espécies animais têm a sua

existência ameaçada em todos os continentes, podendo afirmar-se com segurança que tal morticínio e semelhante ameaça têm praticamente acompanhado em cada década o evoluir do Homem em civilização."

Tal como nessa ocasião deixámos dito, entendemos oportuno e justo aqui recordar o grito de alerta dimanado desse grande apaixonado da Natureza de Angola, como foi NEWTON DA SILVA (1958), ao expressar-se da forma seguinte: "Nos primeiros dezoito séculos da nossa era exterminamos menos de duas espécies de mamíferos por século, em média, na primeira metade do século passado dobrámos a parada, na segunda liquidámos uma espécie em cada vinte meses e no século actual melhorámos o record, elevando a obra de extermínio para, praticamente, uma espécie por ano".

Como bem se compreende, têm sido múltiplas e complexas as razões que levaram o Homem a depredar grande parte dos componentes da fauna que com ele coabitava, tanto de uma forma indirecta, pela delapidação do manto vegetal protector de diferentes espécies, como de uma forma directa, pela destruição sistemática de outras.

Passando um breve relancear sobre algumas das consequências resultantes da intervenção errada, inconsciente ou crimmosa do Homem em alguns dos continentes, pensamos valer a pena recordar que

Na America do Norte, o "pombo migrador" (*Ectopistes migratorius*) que ainda em 1897 se distribuía largamente por todo o país, acabou por ser extinto em 1 de Setembro de 1914, após ter sido, durante cerca de quarenta anos, objecto de abates maciços, os quais chegaram a assumir níveis verdadeiramente impressionantes, como foi testemunhado em Michigan, que de 22 de Março a 12 de Agosto de 1872, se assistiu ao embarque de um milhão e quinhentos mil pombos voadores, devidamente acondicionados em barricas e preparadas para entrarem no circuito comercial. Outras mais aves vieram igualmente a ser ali extintas, tais como o "pinguim gigante" (*Pinguinus imperius*), de que o último foi morto em 1884, bem como o chamado "pato do Labrador" (*Camptobrychus labradorius*).

Continuando a cingir-nos as aves, importa igualmente não olvidar que no arquipélago das Mascarenhas e, sobretudo com grande responsabilidade por parte dos portugueses (a fim de abastecerem as caravelas de carne fresca, para as suas tripulações), foi ali extinto o famoso "doudó" (*Raphtus cucullatus*). Por outro lado, os ocupantes ingleses da Nova Zelândia deram idêntico destino a grande corredora ali existente, que a história consagrou com o nome de "moa" (*Dinornis maximus*).

No tocante aos mamíferos, a situação não foi melhor e, assim, reportando-nos de novo à América do Norte, é facto bem conhecido que em 1860 os bisontes (*Bos bison*) eram ali incontáveis, elevando-se a cerca de 4 milhões os efectivos de

uma das manadas conhecidas, cujos componentes cobriam, quando em marcha, uma extensão de cerca de 40 km de comprimento por 9 km de largura. Pois, a perseguição de que estes animais foram alvo (grande parte das vezes por pura diversão dos passageiros que em comboio atravessavam as vastas planícies do Oeste) foi de tal forma impiedosa que se não fora a criação, em 1872, do célebre "Yellowstone National Park", com vista a promover a sua protecção e assegurar consequentemente a sua sobrevivência, a referida espécie estaria já seguramente extinta.

Contudo, no continente africano, a situação não foi melhor, pois que, como consequência da colonização do Sul de África pelos holandeses, depois incentivada pelos ingleses — face às corridas ali desencadeadas pela descoberta de valiosos filões auríferos e de depósitos de diamantes — os imensos contingentes de mamíferos que povoavam aquelas imensas planuras, começaram pagando pesado tributo a presença do homem branco. Este, beneficiando dos aperfeiçoamentos proporcionados pela civilização, no tocante ao armamento cinegético de que ia fazendo uso, acabou por conduzir, como é bem conhecido, à extinção de duas subespécies de zebra (*Equus quagga quagga* e *E. burchelli burchelli*), bem como do hipopótamo azul (*Hippopotamus leucophaeus*), de que hoje restam alguns espécimes (por sinal nada bem preparados) em alguns museus da Europa.

Porem, as depredações levadas a efeito em África não se limitaram apenas as referidas entidades animais. Na verdade, outros ainda passaram igualmente a estar na mira das armas de caça, particularmente o elefante (*Loxodonta africana*) e os rinocerontes (*Diceros bicornis* e *Ceratotherium simum*).

Se a busca do marfim dos elefantes por parte dos europeus sofreu um certo incremento depois que as navegações lusas tiveram o seu início, altura em que as pontas de tais animais eram transaccionadas nas várias feitorias que no entretanto iam sendo estabelecidas (e a designação da antiga colónia, hoje país, da Costa do Marfim, é bem disso testemunho) ela mais ainda se incentivou depois que o continente africano começou a ser calcurniado por caçadores aventureiros, ávidos de emoções e de dinheiro.

A razão então preterida por tais negociantes de marfim é bem testemunhada através da literatura varia, de que nos limitaremos a deixar aqui apenas algumas breves anotações. Assim, segundo BLURAT (1959), foram vendidos no mercado de Londres, entre 1850 e 1890, marfim correspondente a cerca de 47.000 elefantes abanhos anualmente. Por outro lado, no mercado de Antuérpia, cálculos resultantes das vendas de marfim efectuadas entre 1908 e 1931, totalizaram cerca de onze milhões e meio de quilos, os quais, a uma média de trinta quilos por par de pontas, equivaleriam a cerca de 383.000 elefantes abatidos. Este cálculo nada tem de surpreendente, a avaliar por uma informação produzida pela Repartição de

Turismo do então Congo Belga, em 1953, dando a conhecer terem sido abatidos naquele território 580 000 elefantes, no período decorrente de 1889 a 1950.

Se isto aconteceu com os elefantes (o que ainda hoje aliás, continua lamentavelmente sucedendo), não foi muito diferente a saga dos rinocerontes africanos que, se bem que menos representativos em número, nem por isso os massacres de que foram e continuam sendo objecto não deixam de se tornar justificativos da nossa apreensão.

Como é sabido, a procura de tais animais objectivava fundamentalmente os respectivos cornos, cuja avidéz, por parte de certos povos orientais era bem manifesta: nos países arábicos (particularmente Yemen e Arábia Saudita), para com eles se confeccionarem os cabos de adagas e punhais, cuja posse conferia aos seus possuidores especial prestígio, testemunhando assim, tais armas, um certo sinal de virilidade; por parte do povo chinês, com vista a duas aplicações para eles tidas como indispensáveis — para com as suas raspas efectuarem tisanas ou com seus pês aspirarem ao jeito de rapé, na crença dos seus efeitos afrodisíacos, ou para com tais cornos serem confeccionadas taças, que actuariam como antídoto em relação a qualquer veneno nelas lançado).

Já muito antes dos europeus terem iniciado a sua penetração em África viam os rinocerontes sendo alvo de perseguições por parte dos negociantes árabes e indianos, que nunca, aliás, deixaram de estar na base de tão pecaminosa avidéz.

São escassos, todavia, os elementos estatísticos que possuímos a tal respeito. SOMMER (1951) referiu que só na área de um sultanato da África francesa, haviam sido exportados, em 1927, cornos provenientes de 400 rinocerontes. No Quênia, o célebre caçador inglês JOHN HUNTER referiu que, ao serviço do respectivo Governo (com o propósito de recuperar terras para fins agrícolas, teve oportunidade de abater para cima de 1000 rinocerontes! Igualmente digno de registo, embora que nada edificante para nós, portugueses, citaremos o caso de um compatriota nosso (João Albasini) que, tendo-se instalado no Norte do Transvaal, promoveu uma caça desenfreada ao dito "rinoceronte branco" e a tal ponto extremada que a referida espécie acabou ali por ser totalmente extinta.

O primeiro rinoceronte que o Povo Português viu foi o por nós cognominado do "rinoceronte de D. Manuel", que chegara a Lisboa a 20 de Maio de 1515, como oferta do rei de Cambala ao rei de Portugal, semelhante acontecimento mereceu ficar perpetuamente recordado através de uma reprodução da sua figura, esculpida na Torre de Belém. Tratava-se, como é bem sabido, do "rinoceronte Indiano" (*Rhinoceros unicornis*), cuja imagem percorreu depois a Europa, através de um desenho elaborado por Albert Durer, inspirado em um outro, originalmente produzido por um compatriota nosso, cujo nome caiu infelizmente no anonimato.

Se a memória daquele rinoceronte se não apagou da mente dos portugueses, outras foram, todavia, as espécies com que os nossos mareantes e comerciantes vieram posteriormente a contactar, quando as terras de África andaram devassando. Com efeito, vieram aqueles cedo a verificar que há muito haviam sido antecédidos pelos negociantes árabes e indianos, os quais, mantendo caçadores por conta própria e incentivando outros, se revelaram tenazes na sua cobiça em promoverem o carregamento para os mercados do Médio e Extremo Oriente dos tão desejados trofeus, provenientes dos rinocerontes africanos.

Durante longos anos foram sendo os rinocerontes perseguidos, perseguições essas que beneficiavam quase que da mais completa impunidade, dado serem então praticamente nulas as medidas proteccionistas estabelecidas pelos diferentes governos instalados em África, visando sobretudo os dois maiores paquidermes ali existentes e tão procurados — os elefantes e os rinocerontes.

Os resultados de semelhante imprevidência por parte dos governos africanos não deixaram em pouco tempo de se fazer sentir.

O rinoceronte de Burchell foi de entre os dois tipos de rinocerontes no continente africano, aquele que mais cedo começou sentindo os desgastes das predações efectuadas pelos caçadores, facto que encontrava a sua explicação na circunstância de ser o de índole mais pacífica e de, como herbívoro que era, ser fundamentalmente um ocupante das extensas savanas herbosas, onde o seu grande vulto não escapava ao olhar inquietor dos caçadores.

Ameaçada que se encontrava a referida espécie de completa extinção, particularmente quanto ao *Ceratotherium simum simum*, em boa hora decidiu o Governo da África do Sul determinar a sua protecção, ao criar, em 1897, na Zululândia, a designada "Reserva de Umfolozi" (situada entre os rios White e Black Umfolozi). Vale a pena lembrar que no final do século passado o número de tais animais não ia além de 50. Não foram em vão as medidas assim proclamadas — cujo rigor na sua execução custou a vida de alguns caçadores atrevidos —, pois que em recente contagem, na década de 60, ascendiam a 4 500 os rinocerontes existentes naquela reserva, número esse que, por comprometer já o equilíbrio das pastagens ali existentes, levou o referido Governo a promover a distribuição de parte dos efectivos para outros países onde outrora existira o *C. simum simum*, ou seja em todos aqueles situados a sul do rio Zambeze.

Lamentavelmente a outra subespécie de "rinoceronte de Burchell" *C. simum cottoni*, localizada no Uganda, nordeste do Zaire e sul do Sudão, não está beneficiando de idênticas medidas proteccionistas, tendo-se por isso admitido que em cerca de 5 anos o seu número foi reduzido de 800 para 20!

Se isto se passa quanto à espécie *Ceratotherium simum*, bem diferente e para pior é todavia o que se relaciona com os chamados "rinocerontes pretos". Com efeito, quando a província do Cabo começou a ser povoada pelos holandeses, calcula-se que existiriam então em toda a África cerca de dois milhões de tais animais. Contudo, como a espécie em questão (*Diceros bicornis*), dada a sua maior área de dispersão (como arbustívora que é) se havia estendido por toda a zona sul sahariana, semelhante circunstância favorecia o ela ser mais frequentemente avistada, correndo, por isso, maiores riscos. Tal facto explica assim que se há cerca de quinze anos o seu número havia sido calculado em 65.000, estima-se hoje que os rinocerontes de Lineu não sejam mais que 9.500!

A despeito de todas as medidas proteccionistas recentemente promulgadas (são hoje em maior número os governos em África preocupados com a protecção da sua fauna mais ameaçada), a verdade é que, vão sendo cada vez em menor número os rinocerontes existentes, dado que, como ironia do seu destino, continuam sendo cada vez maiores os incentivos no sentido da busca dos respectivos cornos, hoje pagos a cerca de 90.000\$00 o quilo!

Se o Governo da África do Sul, através das suas reservas de Hluhluve, Umfolozi e Mkuzi, na província do Natal, tem sabido salvar da extinção o "rinoceronte preto", já a mesma certeza não poderemos contudo ter em relação a outros países. Haja como exemplo o Quênia, onde cerca de 20.000 rinocerontes de Lineu existiam não há muito tempo, e no qual o seu número não ia além de 200 na década de 80!

Perante todos estes descabros resultantes da busca desenfreada por parte dos homens, o Mundo parece ter acabado por despertar, a fim de os fazer sustar, enquanto é tempo, salvando assim da extinção não só os rinocerontes (tanto os de África como os da Ásia — estes ainda estão muito mais ameaçados, dado ser à partida bem menor o seu número), como todas as restantes espécies animais consideradas em perigo de extinção.

Para atender a tal objectivo foi criada a CITES (Convention on International Trade of Endangered Species), a qual foi assinada em 1973, em Washington, sendo por isso também conhecida por Convenção de Washington, estando os seus preceitos legais estabelecidos através do Regulamento Comunitário n.º 197/90, de 17/1/90, que Portugal obviamente ratificou através do Decreto-Lei n.º 114/90, de 5/4/90.

Como é, porém, bem sabido, não basta promulgarem-se leis, se estas não forem devidamente acompanhadas de uma força que as faça cumprir. A África do Sul soube fazê-lo. Importa, pois, que os demais países lhe saibam seguir o exemplo!